

NOVOS CAMINHOS A PARTIR DE FRANTZ FANON

NEW WAYS FROM FRANTZ FANON

NUEVOS CAMINOS DE FRANTZ FANON

Diego Elias Santana Duarte

Orcid: orcid.org/0000-0002-1920-7744

Universidade Estadual Paulista (FCT-UNESP)
Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos - CIEJA Campo Limpo - SME/PMSP
Centro Paula Souza - ETEC Guaracy Silveira
E-mail: geografiasuave@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6575>

O objetivo desta resenha crítica é demonstrar a importância do olhar de Frantz Fanon e do livro *Pele negra, máscaras brancas* para repensarmos pesquisas, pesquisadores, sujeitos, visões de mundo e auxiliar na construção de reflexões próximas aos sujeitos pesquisados, com maiores potências e autonomia epistêmica. Uma das possibilidades para tal empreita é trazer para o palco a discussão de elementos alternativos de um contradiscurso hegemônico feito por intelectuais dos países colonizados que construíram suas trajetórias na busca do entendimento das estruturas e consequências deste processo.

Considerar o Brasil um país a partir do prisma pós-colonial¹ é olhar para todas as marcas de usurpações materiais e simbólicas sofridas no território brasileiro. Quantas consequências têm este processo? Como medi-las? Como identificar a colonização no pensamento brasileiro? Como saber as influências em nossas pesquisas, ou mesmo em nosso sistema de ensino? Como tal obra contribui para a leitura geográfica?

Para compreender a potencialidade de *Pele Negra Máscaras Brancas*, necessitamos entender quem foi seu autor. Frantz Fanon, oriundo da Ilha de Martinica, revolucionário e intelectual negro, formou-se em psiquiatria e filosofia na França, dirigiu o Departamento de Psiquiatria do Hospital Blida-Joinville na Argélia, hoje com o seu nome. Seus escritos foram lidos e comparados com conteúdos revolucionários da segunda metade do século XX, lutou à frente de grupos de resistências no norte africano e na Europa durante a Segunda Guerra Mundial.

Fanon publicou quatro livros relevantes para a compreensão da diáspora africana, são eles: *Peau noire, masques blancs* (Pele negra, máscaras brancas, 1952), *L'an V de la révolution algérienne* (1959), *Les damnés de la terre* (Os condenados da terra, 1961) e sua esposa Josie Marie-Josèphe Dublé Fanon, após sua morte, editou e publicou uma antologia intitulada de *Pour la révolution africaine* (1964).

O livro *Pele negra, máscara brancas*, nasce para a obtenção do título de doutorado do autor, o qual é negado pela academia com o pretexto positivista da falta de bases físicas para a análise psicológica, todavia, quando a obra foi publicada alcança grande repercussão e influência mundial. No Brasil *Pele negra, máscara brancas*, foi publicado pela Editora da Universidade Federal da Bahia em 2008 com tradução de Renato da Silveira. O livro impacta inicialmente pela capa, com ilustrações europeias de propagandas antigas de produtos com representatividade estereotipada da população negra, enquadrando o fenótipo negro de maneira animalesca, ingênua, serviçal e bestializada. A capa nos dá pistas da abordagem do conteúdo do livro e associação com o título *Pele negra*, entretanto, as “máscaras”, ou *papéis* representados pelo negro, são as máscaras da brancura.

A obra está dividida em sete partes das quais são abordados o negro e a linguagem, a mulher de cor e o branco, o homem de cor e a branca, sobre o pretense complexo de dependência do colonizado, a experiência vivida do negro, o preto e a psicopatologia e o preto e o reconhecimento. O autor dialoga com diversos autores como o martinicano Aimé Césaire e sua poesia de resistência, Freud e os posicionamentos e contrapontos do consciente e inconsciente coletivo, Hegel sobre identidade e formação do sujeito, dentre outros.

A obra gira em torno da análise dos impactos das estruturas coloniais de dominação e exemplifica principalmente na Martinica, seu local de origem, como esse processo ocorre no cotidiano e suas raízes no processo de ocupação francesa. Na abertura do livro é posta a interrogação principal, “o que quer o homem negro?”. Duas grandes questões, em seguida, são apresentadas, são elas a inferioridade econômica enfrentada pela população negra e a “epidermização” dessa inferioridade, ou seja, por ser fenotipicamente negra, a população negra incorpora socialmente sua inferioridade econômica, intelectual, cultural dentre outras. A partir disso Fanon aborda como esse movimento implica uma eterna busca da brancura em todas as opções do inconsciente, relacionamento, status, ascensão, emprego e na tentativa de uma inserção social.

O autor destaca as particularidades do binômio negro/linguagem e o seu universo de significados para elucidar os tensionamentos, tanto na especificidade do tratamento do negro com o seu semelhante e do negro para com o branco, a exemplo do homem negro antilhano buscar ser branco, ou ser “homem”, através da aquisição da língua e da cultura francesa. A situação exposta acima entra na análise principalmente no cotidiano da população jovem da Martinica, onde a mesma deixa de falar crioulo e busca o francês e os referenciais da França como erudição e reconhecimento social.

Quando os jovens antilhanos retornam de viagem da França, já que tal destino é tido como meta de vida, se consideram superiores à população da sua terra natal, seu status social já se diferencia e a negação da cultura tradicional é intensificada. A contradição deste contexto é quando esse mesmo jovem em território francês é tido como “inferior”, do “mato”, “sem” cultura, no entanto mesmo com esses elementos, o jovem realiza o esforço em aprender tudo o que puder na estadia na França para quando retornar a sua casa se “sobrepôr” aos outros.

Uma das chaves de entendimento deste contexto é que a França representa, para os antilhanos, a ascensão social, tanto dos filósofos, da ciência, dos médicos, dos cargos de alto escalão, das oportunidades de se destacar socialmente. Este contexto gera uma dualidade de pensamento, hora valorizando a cultura colonizadora e lidando internamente com a desvalorização de sua própria cultura. No ambiente escolar essa dualidade é intensificada, pois o francês como língua oficial é ensinada e os professores supervisionam os estudantes para que ninguém fale crioulo, bem como nos lares existe uma “vigília” para que todos os filhos falem francês.

Ao analisar o tratamento do francês para com o antilhano, ou o negro no geral, Fanon enfatiza a fala do colonizador, seja no *Petit-nègre*², língua híbrida do francês com várias línguas africanas, ou como falar através de mímica, falar baixo, falar com gírias mesmo se o homem negro fale francês, considerar que todo negro está disponível, devido sua eterna busca por “aprender” a cultura francesa, independente do grau de instrução, ou da quantidade de tempo residente no país, reúnem evidências da dominação pela fala.

Este lugar de sempre, o lugar no imaginário que todo negro não sabe francês, não tem cultura e ser tratado nesta fórmula é um local de aprisionamento em um estereótipo que tanto serve para deixar nítido o limite do mesmo, afastando o negro da cultura “erudita”, quanto para enquadrá-lo em uma subcultura colonizada, o seu “lugar”.

No que diz respeito aos relacionamentos afetivos, o autor inicia os questionamentos exemplificando a relação entre a mulher negra e o homem branco europeu, como pensar nesta questão envolvendo significados diversos para uma eterna busca supervalorizada do homem branco europeu, em uma representatividade de acesso a brancura, a ascensão social em contraposição à consideração da inferioridade da mulher negra. Nesta relação Fanon aborda como independente do papel do homem branco europeu, suas escolhas ou condutas, a mulher negra aceitará qualquer condição para manter o relacionamento, pois a brancura representa o acesso ao mundo dito superior.

No relacionamento entre o homem negro e a mulher branca, é pontuado a supervalorização do desejo do homem negro ao “esposar” a cultura branca, a vontade de incorporar a cultura branca por meio da relação. Diferentemente da perspectiva sobre o relacionamento da mulher negra com o homem branco que é oriundo da violência vivida no sistema escravocrata pelas mulheres negras. O relacionamento do homem negro com uma mulher branca é visto como ato de bondade da mulher branca decidindo se relacionar com um homem negro.

Tanto o corpo feminino negro quanto o masculino negro são vistos como corpos do desejo, das vontades, das emoções, hierarquizados e rebaixados em detrimento da razão. Os relacionamentos interracializados são buscados para compensar uma ascensão social, mesmo que esse homem ou mulher branca não sejam de sucesso ou estejam em desvantagem se fossem comparados a parceiros (as) negros (a). Em relação às dependências psicológicas causadas pela colonização são abordados os escritos de O. Mannoni sobre a Psicologia do colonialismo e seu deslize ao colocar que a inferioridade é observada na relação colonizador e “primitivos”, sendo a inferioridade, característica carregada pelos primitivos.

Pensar em questões gerais e estruturantes para justificar o racismo colonial é a chave para entender que 2.530.300 brancos espancaram e dominaram 13.000.000 de negros, numa relação de quase 1/6. A partir dessa reflexão o autor nos leva ao questionamento que não somente as pessoas são racistas, mas a estrutura de dominação colonial fez com que houvesse o racismo como forma de controle.

A alienação colonial é posta como uma das tantas maneiras de dominação dos europeus para inferiorizar a cultura, a tradição, o fenótipo e garantir a sobrevivência de uma estrutura colonial que desse certo e que fosse possível de administrar a distância. Nunca os homens brancos, mesmo que sempre em minoria, se sentiam inferiorizados e o contrário é

verdadeiro, nunca os homens negros, mesmo que em maioria, se sentiram superiores, ou em pé de igualdade.

Outros responsáveis pelo inconsciente coletivo são as criações e repercussões dos mitos do descobrimento, onde os europeus são vistos como senhores esperados, como salvadores contidos nas lendas nativas. Essas foram formas de colocar desde o início, do chamado descobrimento, o europeu como superior e o nativo como inferior.

Fanon nos traz a compreensão na construção do inconsciente coletivo o complexo de autoridade estimulado pelo europeu e a aceitação do complexo de dependência pelo nativo. Para elucidar a alienação colonial, do ponto de vista do inconsciente coletivo, o autor aborda sonhos de pacientes que possam trazer para o ambiente do debate questões importantes a serem trabalhadas na dependência psicológica da população negra, na construção de sua identidade como alternativa única em querer buscar a brancura. A alternativa demonstrada pela pesquisa é fortalecer a construção da identidade observando a origem do verdadeiro conflito, as estruturas sociais.

Diante desta alienação podemos questionar, qual a vivência do cotidiano da população negra? Como constrói o seu cotidiano? Como encarar os percalços diários? O cotidiano da dominação colonial, ou da alienação colonial é construído com base em histórias, piadas, trejeitos, estereótipos que reforçam, para o dominador, quem é o tipo negro e, para a população negra, é posto o enfrentamento das barreiras, caminhos, o enclausuramento do arquétipo negro inferiorizado.

Fanon relata sua experiência enquanto intelectual negro, querendo ser humano e auxiliar na construção da humanidade e quando ao caminhar pela rua ter o seu corpo renegado, maltratado, classificado, mitificado, colocado obrigatoriamente como descendente de escravo, ou quando as pessoas o conheciam e argumentam “você é diferente”... “você é civilizado”. Como construir e fortalecer a sua identidade com a estrutura colonial racista?

Não é o trauma direto que o autor coloca que possa causar a absorção do sentimento de inferioridade e sim a construção do imaginário coletivo nas propagandas, nos desenhos, nos filmes, no extravasar da imaginação e “lendo” os papéis sociais do bem, do mal, do belo, do feio, daquele que consegue, do que não consegue, querer se identificar com o vencedor e se afastar do vencido demonstram a reprodução máxima da inferioridade subjetiva.

Ter a impressão sobre o outro sendo verbalizada é uma das formas de captar o inconsciente coletivo e identificá-lo como permeado de ideias à priori que determinam como é visto o corpo negro, um corpo negro sempre será negro, independentemente de onde se formou, onde nasceu ou outra variável qualquer.

Acessar questões do inconsciente coletivo de uma pessoa é considerar as estruturas que constituíram a formação do indivíduo, onde nasceu, quais lugares frequentou, quais opções de vida teve e uma das portas de acesso que auxilia este entendimento é como as crianças brancas e negras têm acesso a construção de imagens e estereótipos sobre a população negra, como é construído socialmente o “ser” negro, tanto na Martinica, quanto na França ou em outros países?

Outra contribuição é como se constitui o grupo de intelectuais dos países colonizados, a observação dos escritores antilhanos, pelo fato de escreverem, pensarem, agirem e questionarem como brancos, resultado do processo de incorporação da cultura europeia. A assimilação ocorre a ponto da alienação de si em relação ao pertencimento, onde incorpora-se a cultura “alheia” em detrimento da sua própria história.

Ao assimilar a cultura francesa o negro antilhano incorpora o pensamento branco, a visão branca, os preconceitos, os estereótipos, as histórias de folclore que chegam na Europa.

Na perspectiva de imposição cultural no cotidiano, Fanon aponta que os jovens antilhanos se apropriam da cultura, da história e dos autores franceses como status intelectual, principalmente como citação dos pensadores como forma de sobreposição aos outros antilhanos, tal como em conflitos ou disputas corriqueiras, recorre-se constantemente as ascendências europeias como distinção social em um movimento cíclico da busca a cultura dita superior.

Com relação à análise psicológica do processo de valorização e desvalorização o autor coloca a reflexão, a partir da ótica adleriana, da sociedade antilhana ser estruturada baseada na comparação e um processo constante de valorização/desvalorização. As raízes da construção do inconsciente coletivo baseado no processo citado, constituem as relações do sistema escravocrata de separação e distinção do outro e a impossibilidade de se fortalecer em si, conjuntamente com o outro, tal como após a abolição não houve processos significativos de integração do negro a sociedade, no qual possibilitasse o fortalecimento e a mudança do inconsciente coletivo.

A população negra passou de homem-máquina, homem-corpo-escravizado, a homem livre com a constituição do ser influenciada pelos processos de alienação escravocrata colonial. Na parte final do livro do livro, Fanon cita o exemplo do trabalhador negro comum da Costa do Marfim e do médico negro de Guadalupe, ambos oprimidos pelas tensões raciais, o médico pela alienação cultural, na negação da sua própria cultura/história, para assumir a cultura europeia através da medicina e o trabalhador comum sendo explorado por um sistema racial hierarquizado com consequências econômicas.

O ponto chave de entendimento do livro é trazido pelo autor na argumentação de quem não podemos somente fazer oposição ao racismo, ou a alienação sofrida/causada por ele, devemos entender que tais táticas de valorização/desvalorização foram utilizadas na colonização como uma das maneiras para montar as colônias e enraizarem os valores da França.

Não podemos somente valorizar o que constantemente intitulamos de “cultura” negra, como o samba, a capoeira, o funk etc., com a intenção de valorização identitária, pois segundo o autor isso corresponderia novamente a colocar a população negra em determinado lugar e aceitar que são somente emoção/corpo e não razão. Devemos extrapolar o pensamento individual e coletivo sobre o negro para ser quem ele/ela quiser ser, de quem quiser gostar sem a preocupação de seguir padrões que foram utilizados como dominação no passado, intitulado pelo autor como alienação colonial.

A este movimento Fanon coloca como a busca por um humanismo, onde temos que igualar realmente a todos, em condições e oportunidades, considerando o passado, mas investindo na capacidade que todos têm enquanto seres humanos. O presente texto foi um convite para pensarmos a partir de outras perspectivas sobre o conhecimento, sobre as nossas pesquisas, pesquisadores, sobre o próprio sujeito, sobre nossos referenciais, sobre os nossos pontos de partida.

Descobrir o “ser” negro através de imagens positivas da negritude, na família, nos meios de comunicação no geral, nos livros, nas revistas, nas propagandas e principalmente na escola, locais que reforçam a construção do ser, do inconsciente coletivo positivo para com os valores da humanidade e não das hierarquias raciais.

Para chegarmos a ter a construção e disseminação desse recorte positivo da realidade devemos iniciar novos campos de pesquisa, repensar bibliografia, objetos de pesquisas, análises, metodologias, dentre muitos outros caminhos que possam buscar,

aprender e concretizar materiais diversos incentivar formas autônomas e diversas de construir o inconsciente coletivo, para isso devemos oferecer uma infinidade de mundos, assim como uma multiplicidade de histórias de cada lugar.

Referência:

FANON, F. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194.

FAUSTINO, D. M. **“Por que Fanon, por que agora?”: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil**. 2015. 252 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

FAUSTINO, D. M. A práxis e a “consciência política e social” em Frantz Fanon. **Lutas Sociais**, v. 19, n. 34, p. 158-173, 2015.

¹ Não há uma teoria pós-colonial, todavia, autores que tem na crítica ao colonialismo, seja no processo a partir do processo de descolonização, ou com os estudos culturais críticos ao processo de colonização produzidos nas universidades inglesas e norte americanas a partir de 1980.

² Literalmente preto-pequeno ou pretinho, é a expressão utilizada para designar uma língua híbrida, um patoá sumário criado no mundo colonial francês. (Nota do autor, p.35).

Sobre o autor – Informações prestadas pelo autor

Diego Elias Santana Duarte

Geógrafo formado na FCT/UNESP/PP, Mestre em Geografia na FFLCH - USP e doutorando em Geografia na FCT/UNESP/PP. Gestor do Centro integrado de Educação de Jovens e adultos - CIEJA CL, tem experiência na análise do urbano, das relações em rede e no movimento cultural periférico.

Como citar essa resenha

DUARTE, Diego Elias Santana. Novos caminhos a partir de Frantz Fanon. In: **Revista Geografia em Atos (GeoAtos online)** - Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico - v. 05, n. 12, p.158-165, jul, 2019. DOI: 10.33416/geoatos.v5i12.6575.

Recebido em: 2019-06-21

Aceito em: 2019-07-05